



CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES
CURSO DE ENFERMAGEM

**O PANORAMA DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELOS PROFISSIONAIS DE
ENFERMAGEM DA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO – UPA DILSON
ALBERTO DE SOUSA DA CIDADE DE TRINDADE – GO**

Adrielly Soares Rodrigues
Geovanna Lara Pereira Nunes
Laura Jamille Moreira de Sousa

Orientador: Prof. Dr. Osmar Pereira dos Santos

Trindade - GO
2026

CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES

CURSO DE ENFERMAGEM

**O PANORAMA DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELOS PROFISSIONAIS DE
ENFERMAGEM DA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO – UPA DILSON
ALBERTO DE SOUSA DA CIDADE DE TRINDADE – GO**

**Adrielly Soares Rodrigues
Geovanna Lara Pereira Nunes
Laura Jamille Moreira de Sousa**

Trabalho de pesquisa apresentado ao Centro
Universitário Goyazes como requisito parcial à
obtenção da nota final da Disciplina Seminário
de Pesquisa.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Pereira dos Santos

Trindade – GO

2026

Adrielly Soares Rodrigues
Geovanna Lara Pereira Nunes
Laura Jamille Moreira de Sousa

**O PANORAMA DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELOS PROFISSIONAIS DE
ENFERMAGEM DA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO – UPA
DILSON ALBERTO DE SOUSA DA CIDADE DE TRINDADE – GO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro Universitários Goyazes – UniGoyazes
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem, aprovada pela
seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Osmar Pereira dos Santos (Orientador)
Centro Universtário Goyazes – UniGoyazes

Prof. Ma. Sandra Rosa de Sousa Caetano (Membro Interno)
Centro Universtário Goyazes – UniGoyazes

Prof. Ma. Sandra Suely Magalhães (Membro Externo)
Secretaria de Saúde do Governo do Distrito Federal – SES/DF

Prof. Ma. Taiana Dias de Matos Ribeiro (Membro Suplente)
Centro Universtário Goyazes – UniGoyazes

Trindade - GO
16/06/2026

O PANORAMA DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM DA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO – UPA DILSON ALBERTO DE SOUSA DA CIDADE DE TRINDADE – GO

Adrielly Soares Rodrigues¹; Geovanna Lara Pereira Nunes¹; Laura Jamille Moreira de Sousa¹; Osmar Pereira dos Santos²

RESUMO

Objetivo: Avaliar o panorama da violência sofrida por profissionais de enfermagem durante o processo de trabalho na Unidade de Pronto Atendimento – UPA Dilson Alberto de Sousa do município de Trindade-GO. **Metodologia:** Pesquisa de campo, quantitativa, realizada com profissionais de enfermagem da UPA Dilson Alberto de Sousa, utilizando questionário online para coleta e análise dos dados. **Resultados:** Predominaram a violência verbal e psicológica, tendo pacientes e acompanhantes como principais agressores, além de impactos emocionais nos profissionais. **Considerações finais:** A violência ocupacional permanece presente no cotidiano da enfermagem, exigindo ações voltadas à prevenção, segurança e valorização dos profissionais.

Palavras-chave: Enfermagem. Unidade de Pronto Atendimento. Violência Ocupacional.

THE PANORAMA OF VIOLENCE SUFFERED BY NURSING PROFESSIONALS AT THE DILSON ALBERTO DE SOUSA EMERGENCY CARE UNIT (UPA) IN THE CITY OF TRINDADE, GO

ABSTRACT

Objectives: O evaluate the panorama of violence suffered by nursing professionals during their work at the Dilson Alberto de Sousa Emergency Care Unit (UPA) in the municipality of Trindade, Goiás. **Methodology:** This was a quantitative field study conducted with nursing professionals at the Dilson Alberto de Sousa Emergency Care Unit (UPA), using an online questionnaire for data collection and analysis. **Results:** Verbal and psychological violence predominated, with patients and their companions as the main aggressors, in addition to emotional impacts on professionals. **Final considerations:** Occupational violence remains a daily reality in nursing, requiring actions focused on prevention, safety, and valuing professionals.

Keywords: Nursing. Emergency Care Unit. Occupational Violence.

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

² Orientador: Prof. Doutor Osmar Pereira dos Santos, do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

AGRADECIMENTOS

Adrielly Soares Rodrigues

Agradeço primeiramente a Deus, por todo discernimento, força e por guiar meus passos até aqui, pois sem Ele eu nada seria. Agradeço também a mim mesma, por nunca ter desistido, mesmo diante dos choros silenciosos, da saudade das pessoas que amo e dos medos ao longo dessa caminhada. Aos meus pais, Cláudio e Adriana, meu eterno amor e gratidão. A vocês devo tudo. Ao meu pai, que, sob o sol, trabalhou dirigindo um caminhão para que eu pudesse chegar até aqui, e pelas palavras que jamais esquecerei: “Só se preocupa com seus estudos, que do resto eu cuido”. À minha mãe, cujas orações e apoio foram fundamentais para me sustentar nesta trajetória. À minha família, especialmente à vovó Linda, minha irmã Anna Claudia e minha sobrinha, Anna Cecília que tão pequena se fez presente, meu carinho e profunda gratidão por todo amor e presença.

Geovanna Lara Pereira Nunes

Agradeço primeiramente a Deus, por ter sido minha força e meu refúgio durante toda essa caminhada. À minha mãe, Marcilene, ao meu pai, Marcio, e à minha madrastra, Dilvane, por todo amor, apoio, incentivo e por nunca deixarem que eu desistisse dos meus sonhos. Ao meu marido, Carlos Eduardo, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e tornando essa caminhada mais leve. Aos meus avós, Divino e Benedita, e à minha amiga Isadora Adorno, que mesmo não estando mais presentes, permanecem vivos em meu coração e nas minhas lembranças. Essa conquista também carrega um pedaço do amor e da força de cada um de vocês.

Laura Jamille Moreira de Sousa

Agradeço primeiramente a Deus, que foi a base de toda a minha caminhada acadêmica, me guiando, iluminando meus caminhos e me dando força, sabedoria e saúde para chegar até aqui. À minha mãe, Elisângela, obrigada por sempre acreditar em mim e por ter me permitido viver esse processo focada nos meus estudos, sem precisar me preocupar em trabalhar, me oferecendo toda a estrutura e suporte necessários para essa conquista. Ao meu pai Waldemar, agradeço por toda ajuda e apoio ao longo dessa trajetória acadêmica. Ao meu tio Ricardo, que mesmo de longe sempre esteve presente, sendo uma figura importante em minha vida. Ao meu namorado, Victor Cordeiro, agradeço por todo amor e companheirismo durante essa caminhada, obrigada por sempre tornar essa trajetória mais leve. Às minhas irmãs, Maria Cecília e Morgana, por serem parte da minha motivação diária. Aos meus avós, inspiração para minha formação humana e profissional.

E por fim, em nome de todas, agradecemos ao nosso orientador Dr. Osmar Pereira, por ter nos acompanhado desde o primeiro período, pelos conselhos e dedicação em toda a graduação.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a Deus, por Sua presença constante em nossa caminhada, e às nossas famílias, pelo amor, apoio e incentivo em todos os momentos. Esta conquista também é de vocês.

INTRODUÇÃO

A violência constitui um grave problema de saúde pública, classificada pela CID-10 no Capítulo XX, que abrange as causas externas de morbidade e mortalidade, incluindo acidentes, agressões, autoagressões, eventos de intenção indeterminada e outras ocorrências externas que impactam diretamente a saúde da população (Organização Mundial da Saúde, 2002). No Brasil, em 2021, mais de 47 mil pessoas foram vítimas de homicídios, correspondendo a uma taxa de 22,3 mortes por 100 mil habitantes (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

Além dos óbitos, agressões físicas, psicológicas e verbais impactam o sistema e saúde e a sociedade, refletindo diretamente nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), que concentram alta demanda, situações de urgência e emergência e contato intenso entre pacientes e profissionais. Nesse contexto, a equipe de enfermagem, que representa a maior força de trabalho na saúde, figura entre os grupos mais expostos à violência ocupacional. Dados da literatura apontam que aproximadamente 90% dos profissionais de enfermagem em unidade de urgência e emergência já sofreram algum tipo de violência no trabalho, sendo a agressão verbal a forma mais prevalente, geralmente associado ao tempo de espera e insatisfação dos usuários com o sistema (Veloso *et al.*, 2022).

A Unidade de Pronto Atendimento (UPA) integra a Rede de Atenção às Urgências do Sistema Único de Saúde (SUS) e tem como finalidade garantir atendimento rápido e resolutivo em situações de urgência e emergência. Funciona 24 horas por dia, sete dias por semana, recebendo grande parte da demanda espontânea da população e atuando como elo entre a Atenção Básica e os hospitais de maior complexidade (Oliveira, *et al.*, 2022).

A estrutura de uma UPA possibilita estabilização de pacientes críticos, realização de exames laboratoriais e de imagem e manejo de casos de média complexidade, o que contribui para desafogar os prontos-socorros e otimizar o uso de leitos hospitalares. Estima-se que até 97% dos atendimentos sejam resolvidos dentro da própria UPA (Ministério da Saúde, 2013), evidenciando sua importância estratégica para a rede de saúde e para a redução da mortalidade por condições agudas e/ou crônicas agudizadas dos médios e grandes municípios, além das regiões metropolitanas.

A UPA em estudo situa-se na cidade de Trindade, município que compõe a região metropolitana da capital Goiânia, no estado de Goiás, conhecida como grande Goiânia. Trindade-GO é um município goiano com uma população estimada de 143.000 habitantes (IBGE, 2022), criado no ano de 1840, após a descoberta do medalhão que simboliza a imagem do Divino Pai Eterno, o que deu a cidade o reconhecimento da capital goiana da fé. Sua economia está voltada para o turismo religioso, o comércio e serviços.

Entretanto, como ocorre em outras cidades em crescimento, Trindade também enfrenta desafios relacionados à violência urbana, o que se reflete diretamente no setor de saúde. A elevada demanda de atendimentos de urgência e emergência, somada à superlotação frequente da UPA, gera tensões no ambiente hospitalar, podendo se manifestar em episódios de agressividade contra a equipe de enfermagem. Esse contexto evidencia a necessidade de compreender os fatores locais que influenciam na ocorrência da violência ocupacional e seus impactos na qualidade da assistência prestada.

A UPA Dilson Alberto de Sousa, em Trindade-GO, desempenha papel fundamental como referência no atendimento de urgência e emergência, concentrando parte significativa da demanda da cidade e região metropolitana, o que reforça sua relevância como cenário deste estudo. Diante deste panorama, emerge a seguinte questão norteadora: quais são as formas de violência vivenciadas pelos profissionais de enfermagem na UPA Dilson de Sousa de Trindade-GO e quais os impactos na sua saúde e no processo de trabalho desses profissionais?

Este estudo tem como objetivo geral avaliar e apresentar o panorama da violência sofrida por profissionais de enfermagem durante o processo de trabalho na Unidade de Pronto Atendimento – UPA Dilson Alberto de Sousa do município de Trindade-GO.

MATERIAIS E MÉTODO

Tipo de estudo

A fim de atingir os objetivos propostos, a pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa e descritiva, realizada por meio de questionário estruturado com

perguntas fechadas, aplicado aos profissionais de enfermagem atuantes na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Dilson de Sousa, localizada no município de Trindade-GO.

Os dados obtidos foram tratados de forma qualitativa, levando em consideração as percepções, sentimentos e experiências relatadas pelos profissionais participantes. Após a coleta, os dados foram analisados e comparados com os achados de estudos atuais sobre a temática da violência ocupacional na enfermagem.

População de estudo

O público alvo da pesquisa foram profissionais de Enfermagem, sendo 16 Enfermeiros e 42 Técnicos de enfermagem, totalizando 58 profissionais, que atuam na prestação de serviços na UPA Dilson de Sousa de Trindade – GO. Do total de profissionais (58), 14 enfermeiros e 33 técnicos de enfermagem participaram da pesquisa, com uma amostra final de 47 participantes.

Critérios de inclusão

Foram os profissionais de enfermagem atuantes na UPA Dilson de Sousa. Os mesmos concordaram em participar da pesquisa voluntariamente, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e respondendo o questionário.

Critérios de exclusão

Foram os profissionais que não eram da área da enfermagem, os que estavam de licença médica ou prêmio, e os que recusaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Instrumentos e procedimentos para coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi consistido em um questionário semiestruturado, elaborado pelos pesquisadores com base em estudos científicos relacionados à violência ocupacional na enfermagem. O questionário abordou aspectos como perfil sociodemográfico, formas de violência sofridas, fatores desencadeadores e consequências percebidas no ambiente de trabalho.

A apresentação do questionário foi *in loco* e disponibilizado link para acesso ao questionário na versão *Google forms*, na UPA Dilson Alberto de Sousa, localizada no município de Trindade-GO. O agendamento da coleta foi feito com antecedência, respeitando os horários de menor fluxo e garantindo que a participação dos profissionais não interferisse nas rotinas de atendimento. O tempo médio estimado para o preenchimento do questionário foi de aproximadamente 10 minutos, podendo variar conforme a disponibilidade de cada participante.

Cálculo amostral

O cálculo amostral foi definido de acordo com o número total de profissionais de enfermagem atuantes na UPA Dilson Alberto de Sousa, localizada no município de Trindade-GO, sendo a equipe composta por 16 enfermeiros e 42 técnicos de enfermagem, totalizando 58 profissionais de enfermagem. Considerando que se trata de uma pesquisa qualitativa e descritiva, foi adotada a amostragem não probabilística por conveniência, incluindo enfermeiros e técnicos de enfermagem que se dispuserem voluntariamente a participar do estudo, com margem de segurança de 95% da amostra.

A quantidade de participantes foi determinada de acordo com a disponibilidade dos profissionais de enfermagem, sendo que o quantitativo de profissionais foi disponibilizado pela gestão da UPA, e para o alcance do objetivo proposto foi garantido a representatividade suficiente para compreender as percepções sobre a violência ocupacional no ambiente da Unidade de Pronto Atendimento – UPA em estudo.

Análise de dados

Os dados obtidos por meio dos questionários foram organizados e tabulados em planilhas do Excel, conforme as perguntas aplicadas. Em seguida, foram categorizados de acordo com os objetivos da pesquisa, visando a elaboração de gráficos e tabelas que facilitassem a interpretação dos resultados.

Aspectos éticos

A pesquisa foi realizada de acordo com as normas estabelecidas pelas Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos. O estudo foi submetido à apreciação do

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Goyazes, garantindo cumprimento dos princípios éticos que envolvem o respeito à dignidade, à autonomia e à confidencialidade dos participantes, sendo aprovado com o Parecer Substanciado do CEP nº 8.397.883.

Antes da aplicação do questionário, cada participante foi informado sobre os objetivos, finalidades, riscos, sigilo e normas do estudo, sendo assegurado o direito de recusa ou desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Os participantes que aceitaram colaborar com a pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, uma destinada ao participante e a outra arquivada pela equipe pesquisadora.

Foi garantido sigilo das informações e o anonimato dos participantes, sendo os dados utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Após a conclusão do estudo, o trabalho foi disponibilizado na biblioteca do Centro Universitário Goyazes e poderá ser apresentado em eventos científicos e acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os trabalhadores da área da enfermagem estão enfrentando um aumento da violência que não pode ser aceito. Aqueles que estão na linha de frente, dedicando-se a cuidar, prestar atenção e oferecer alívio à comunidade, têm sido vítimas de agressões físicas, verbais e psicológicas. Em vez de receberem reconhecimento, muitos se deparam com hostilidade. Ao invés de serem respeitados, lidam com ameaças dentro do local onde trabalham. Recentemente, o Fantástico trouxe à tona uma realidade difícil: aproximadamente 80% dos profissionais de saúde no Brasil relatam já ter experimentado algum tipo de ataque enquanto exercem suas funções. Os relatos variam de insultos e empurrões até cenários extremos, como ameaças com armas. Essa é uma questão séria, que impacta diretamente a qualidade do atendimento fornecido. Um profissional que trabalha sob uma constante ameaça de violência tende a adoecer com mais frequência, acumula sofrimento emocional e pode desenvolver condições como ansiedade, depressão ou estresse pós-traumático. A população também sente as consequências, pois sofre com a diminuição da qualidade, eficiência e continuidade do atendimento (COFEN, 2025).

A primeira etapa deste estudo consistiu em um levantamento bibliográfico sistematizado, resultando na seleção de 15 artigos científicos publicados entre os anos de 2015 e 2025. Esta etapa inicial é fundamental para traçar o estado da arte sobre a violência ocupacional especificamente na categoria de enfermagem brasileira, estabelecendo uma base comparativa sólida para a pesquisa de campo na UPA Dilson Alberto de Sousa. A amostra compõe-se de estudos publicados em periódicos de alta relevância para a profissão, como a Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), Acta Paulista de Enfermagem e Revista Latino-Americana de Enfermagem (RLAE). Os estudos abrangem desde revisões integrativas até pesquisas de campo em unidades de pronto atendimento, permitindo uma visão holística sobre as agressões que permeiam o exercício profissional do enfermeiro, técnico e auxiliar de enfermagem. No Quadro 1, apresentam-se as principais características e resultados dos estudos que fundamentam esta análise.

Quadro 01: Amostra da pesquisa segundo as bases de dados pesquisadas na literatura brasileira, Brasil, 2026.

AUTORES E ANO	TÍTULOS	PERIÓDICOS	OBJETIVOS	RESULTADOS
Lima, G. H. A.; Sousa, S. M. A., 2015.	Violência psicológica no trabalho da enfermagem	Revista brasileira de enfermagem REBEn	Investigar e caracterizar práticas de violência psicológica intraequipe, nas relações entre pacientes, acompanhantes e outros profissionais com os trabalhadores de enfermagem da rede hospitalar pública de Caxias, no Estado do Maranhão.	Agressão verbal é o subtipo de violência psicológica mais frequente 95% (84), seguida pelo assédio moral 27% (24). A emergência 51% (45) é o setor de maior ocorrência, pacientes 60% (53) são os principais agressores, enfermeiros 76% (19) sofrem mais violência, sendo maioria do sexo feminino, jovens e pouco experientes.

Bordignon M.; Monteiro M. I., 2016.	Violência no trabalho da enfermagem: um olhar às consequências	Revista brasileira de enfermagem REBEn	Refletir acerca das consequências da violência no trabalho experienciada por profissionais de enfermagem.	A exposição à violência no trabalho tem sido vinculada a problemas de saúde nos profissionais de enfermagem, que se apresentam por danos físicos, manifestações emocionais, transtornos e distúrbios psíquicos. Além disso, influência o desempenho do trabalhador, sua dimensão familiar e social.
Freitas RJM, <i>et al.</i> , 2017	A violência contra os profissionais da enfermagem no setor de acolhimento com classificação de risco	Revista Gaúcha de Enfermagem RGE	Conhecer os tipos de violência e os fatores que contribuem para os atos violentos sofridos pela equipe de enfermagem no acolhimento com classificação de risco (ACCR).	Evidencia-se que os profissionais sofrem violência por parte dos usuários, de outros profissionais e predomina a violência verbal. Apontam como causas a falta de informação do usuário, a postura profissional e a falha da atenção primária.
PEDRO, D. R. C. <i>et al.</i> , 2017	Violência ocupacional na equipe de enfermagem: análise à luz do conhecimento produzido	Saúde em Debate	Analisar evidências científicas sobre a violência como risco ocupacional entre trabalhadores de enfermagem.	Conclui-se que os trabalhadores de enfermagem, por meio da desorganização do trabalho, sofrem violência ocupacional com perfil bem definido, de acordo com o próprio trabalho executado. O assédio moral é um problema a ser posto como prioridade às ações de liderança, visando à proteção do trabalhador e à qualidade do cuidado nos serviços.
Bordignon M, Monteiro M. I., 2019	Uso da simulação na capacitação sobre violência no trabalho da enfermagem	Acta Paul Enferm.	Avaliar a aplicabilidade e os resultados do uso da simulação nos processos de capacitação de estudantes e profissionais de enfermagem sobre violência no trabalho.	Nove estudos foram selecionados e revelaram a flexibilidade da simulação pela possibilidade de utilizá-la com diferentes propósitos em capacitações. Identificou-se nos estudos que houve o uso de recursos variados de simulação, assim como a abordagem de diferentes tópicos de violência. Os cenários com pacientes ou agressores e a violência com origem no paciente foram os mais frequentes. Os estudos indicaram benefícios da simulação, mas nem todos os resultados foram consensuais.

Tsukamoto A. S. <i>et al.</i> , 2019	Violência ocupacional na equipe de enfermagem: prevalência e fatores associados	Acta Paul Enferm.	Identificar a prevalência e os fatores associados à violência ocupacional na equipe de enfermagem.	A prevalência de violência física foi de 20,2%; de abuso verbal, 59,1%; e a de assédio sexual foi de 12,8%. Os fatores associados à violência física foram ser testemunha de agressão física ocupacional e relacionamento interpessoal ruim; ao abuso verbal, ser testemunha de violência verbal no ambiente de trabalho, ser vítima de violência física e falta de reconhecimento profissional; e ao assédio sexual, ser testemunha desse tipo de assédio; ser vítima de abuso verbal, trabalhar no turno noturno e idade mais jovem.
Silva, B. D. M., Martins, J. T., Moreira, A. A. Q., 2019	violência laboral contra a equipe de enfermagem: revisão Integrativa.	Revista Saúde Pública. Paraná RSPP	Identificar as evidências científicas nacionais e internacionais sobre os tipos de violência laboral sofrida pela equipe de enfermagem.	A violência física e psicológica foram as principais violências sofridas pelos profissionais da enfermagem.
MARTINS, B. S.; PEREIRA, M. C., 2021	Violência Ocupacional na Enfermagem	Research, Society and Development	Descrever sobre a violência ocupacional entre os profissionais de enfermagem.	Os resultados encontrados sugerem que os tipos mais comuns de violência no trabalho são: agressão física, abuso verbal, assédio moral, assédio sexual e também a discriminação racial. Os profissionais da enfermagem enxergam a violência ocupacional como fator negativo e preocupante, pois não recebem estímulos da Instituição para o relato e tomada de medidas mais rígidas. Visto que a violência pode trazer complicações aos aspectos globais de desenvolvimento do indivíduo.
HAGOPIAN, E. M.; FREITAS, G. F., 2021.	Dimensões da violência na Enfermagem: aplicação do questionário de atos negativos	Research, Society and Development (RSAD)	Este estudo tem como objetivo identificar as dimensões da violência no trabalho da equipe de Enfermagem relacionadas	A taxa de participação foi de 16,4%, correspondente a 2.136 profissionais. A desqualificação pessoal e profissional foi a dimensão que apresentou a maior média de pontuação seguida, respectivamente, pelo assédio relacionado ao trabalho, assédio pessoal e intimidação física.

			aos atos negativos.	
SILVA, B. D. M. <i>et al.</i> , 2022	Violência laboral no pronto socorro em tempos de COVID-19;	Research Society and Development.	Objetivou-se conhecer as percepções da equipe de enfermagem em relação à violência laboral e sua possível intensificação em tempos de enfrentamento à COVID-19 na unidade de urgência e emergência hospitalar.	Verificou-se que a violência laboral é uma realidade multifacetada e retrata um grande desafio a ser vencido pela equipe de enfermagem. Ademais, com a circunstância da COVID-19, ocorreu a mudança no perfil dos clientes o que intensificou a ocorrência de violência laboral.
VELOSO, E.S. <i>et al.</i> , 2022	Violência sofrida pelos profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento	Research, Society and Development	Identificar os tipos de violência sofridas pelas equipes de enfermagem e determinar os sentimentos dos profissionais frente aos casos de violência sofrida.	Entrevistados 30 profissionais sendo 9 (30%) técnicos de enfermagem e 4 (13,33%) Enfermeiros. A amostra foi composta totalmente pelo sexo feminino 30 (100%). Faixa etária prevalente 31 e 40 anos. Dos entrevistados, 27 (90%) alegaram ter sofrido violência verbal e, 10 (33,33%) sofreram violência psicológica. Sobre os sentimentos que os profissionais sentiram frente a violência sofrida 7 (23,33%) relataram sentir-se impotente, 7 (23,33%) disseram ter ódio.
Santos Junior, J. M. J.; Gama, M. G. O. F., 2024	A violência que o profissional da saúde de enfermagem sofre nas unidades de urgência e emergência	Revista Foco	Verificar quais as violências vivenciadas pelos profissionais da saúde de enfermagem que atuam nas unidades de urgência e emergência de saúde e a sua origem.	Os resultados indicam que a agressão verbal, seguida da agressão física, prevalece entre as demais violências sofridas pelos enfermeiros.

Granadeiro D. S. <i>et al.</i> , 2024	Violência sofrida por enfermeiros na classificação de risco e a suspeição de transtornos mentais comuns	Revista Brasileira de Enfermagem REBEN	Analisar a associação entre a violência sofrida por enfermeiros do serviço de acolhimento com classificação de risco e a suspeição dos transtornos mentais comuns.	A variável ameaça teve diferença estatística significativa ($p=0.031$). Entre os sintomas agrupados, a queixa predominante do fator 1 (humor depressivo/ansioso) na questão “sente-se nervoso, tenso ou preocupado” teve 42 (75%) respostas positivas.
AMARAL, E. S. <i>et al.</i> , 2025	Violência no trabalho vivenciada por profissionais de enfermagem	Revista Latino-Am. Enfermagem	Identificar a ocorrência de violência no trabalho que acomete profissionais de enfermagem atuantes na área hospitalar e relacionar as variáveis de perfil profissional com esse fenômeno.	Participaram da amostra 218 profissionais de enfermagem, no qual 44,0% referiram ter sofrido violência no trabalho, 11,9% a violência física, 47,7% o abuso verbal e 2,8% o assédio sexual. Ao realizar-se a associação, observou-se que os profissionais com mais de 30 anos e que fazem hora extra sofrem mais violência quando comparados aos demais profissionais.
Rohwedder L.S. <i>et al.</i> , 2025	Violência no trabalho de enfermagem hospitalar: revisão Integrativa de literatura	Revista Eletrônica de Enfermagem REE	sintetizar o conhecimento produzido sobre as características e fatores associados à violência no trabalho de enfermagem hospitalar, suas consequências e possíveis intervenções.	Das 1250 publicações inicialmente identificadas nas buscas, foram incluídos 35 estudos que evidenciavam a violência psicológica, especialmente agressão verbal, como mais prevalente, seguida da violência física. Os principais agressores foram pacientes/acompanhantes, seguidos por colegas de trabalho e supervisores. Mulheres, jovens, com pouca experiência profissional e que trabalham em unidades de emergência e pediátrica são mais vulneráveis. Foram identificadas consequências individuais, coletivas e organizacionais, bem como intervenções de combate à violência ocupacional.

Fonte: SciELO, LILACS, BDEF E MEDLINE (2026).

A análise do quadro evidencia que a violência ocupacional na enfermagem tem sido investigada predominantemente por meio de estudos descritivos, quantitativos e

observacionais, além de revisões integrativas, demonstrando que o tema vem sendo explorado tanto em pesquisas de campo quanto em sínteses do conhecimento científico. Nesse sentido, Pedro *et al.* (2017), em estudo publicado na Saúde em Debate, já apontavam a necessidade de compreender a violência como risco ocupacional estruturado no próprio processo de trabalho da enfermagem.

Observa-se que, entre 2015 e 2025, houve crescimento significativo das publicações sobre a temática, com maior concentração a partir de 2019. Esse movimento pode ser observado em periódicos consolidados da área, como a Revista Brasileira de Enfermagem, a Acta Paulista de Enfermagem, a Revista Gaúcha de Enfermagem, a Revista Latino-Americana de Enfermagem, a Research Society and Development e a Revista Eletrônica de Enfermagem, reforçando a relevância científica do tema.

A análise dos estudos apresentados no Quadro 1 evidencia que a violência sofrida pelos profissionais de enfermagem não se configura como um evento isolado, mas como um fenômeno estrutural, diretamente relacionado às condições organizacionais dos serviços de saúde e à dinâmica assistencial, especialmente nos contextos de urgência e emergência. Nesse sentido, Lima e Sousa (2015) já apontavam que a violência psicológica, sobretudo a agressão verbal, constitui a forma mais recorrente de violência no cotidiano da enfermagem, achado que é reiterado por Silva, Martins e Moreira (2019), ao evidenciarem, em revisão integrativa, que as violências física e psicológica representam o núcleo central das agressões sofridas pela equipe.

Essa predominância também é confirmada por Veloso *et al.* (2022), ao investigarem uma Unidade de Pronto Atendimento, onde 90% dos profissionais relataram ter sofrido violência verbal, associada a sentimento de impotência e ódio. De modo semelhante, Freitas *et al.* (2017) identificam que o setor de acolhimento com classificação de risco se configura como um dos pontos de maior tensão, sendo a insatisfação dos usuários diante do tempo de espera um dos principais desencadeadores de conflitos.

Corroborando essa perspectiva, Pedro *et al.* (2017) destacam que fragilidades na organização do processo de trabalho e a desorganização dos serviços favorecem a ocorrência de violência ocupacional, inclusive entre os próprios membros da equipe, caracterizando situações de assédio moral horizontal e vertical. Essa dimensão também é aprofundada por Hagopian e Freitas (2021), ao evidenciarem a desqualificação

profissional e o assédio como manifestações significativas da violência no ambiente laboral da enfermagem.

No que concerne ao perfil da categoria vitimada, os estudos de Rohwedder *et al.* (2025), Tsukamoto *et al.* (2019) e Amaral *et al.* (2025) traçam um diagnóstico preocupante. Tsukamoto *et al.* (2019) evidenciam maior vulnerabilidade entre profissionais jovens, com pouca experiência e que atuam no turno noturno, enquanto Amaral *et al.* (2025) associam a ocorrência da violência a profissionais com mais de 30 anos e que realizam horas extras. Rohwedder *et al.* (2025) reforçam que mulheres, jovens e com menor tempo de serviço constituem o grupo mais exposto, além de apontarem pacientes e acompanhantes como principais agressores.

As consequências dessa violência para a saúde do trabalhador e para a qualidade da assistência são amplamente discutidas por Bordignon e Monteiro (2016), que relacionam a exposição contínua à violência a danos físicos, emocionais e psíquicos. Martins e Pereira (2021) complementam essa discussão ao destacarem que a violência ocupacional é percebida pelos profissionais como um fator preocupante e negligenciado institucionalmente, contribuindo para a desmotivação e para o desgaste profissional. Granadeiro *et al.* (2024) reforçam essa problemática ao associarem a vivência da violência na classificação de risco à presença de sintomas relacionados a transtornos mentais comuns, como ansiedade, tensão e preocupação constante, presentes em 75% dos casos analisados.

Além disso, Silva *et al.* (2022) destacam que a violência laboral se intensificou em cenários críticos, como durante a pandemia de COVID-19, em que mudanças no perfil dos usuários e aumento da tensão nos serviços favoreceram a ocorrência de agressões. Santos Junior e Gama (2024) corroboram ao evidenciar que, nas unidades de urgência e emergência, a agressão verbal seguida da agressão física constitui um padrão recorrente.

No campo das estratégias de enfrentamento, Bordignon e Monteiro (2019) discutem a importância da capacitação profissional por meio da simulação como ferramenta para preparo da equipe frente às situações de violência, enquanto os demais estudos convergem quanto à necessidade de melhoria das condições de trabalho, organização dos serviços e fortalecimento do apoio institucional.

Dessa forma, observa-se que os achados dos estudos dialogam diretamente com a realidade de unidades como a UPA de Trindade (GO), caracterizada por alta demanda

assistencial, fluxo contínuo de pacientes e limitações estruturais, fatores que favorecem situações de tensão no cotidiano da enfermagem. A ausência de protocolos institucionais de proteção e o desestímulo ao relato das agressões, citados por Martins e Pereira (2021) e Silva *et al.* (2022), evidenciam a invisibilidade da violência sofrida por esses profissionais, tornando urgente a implementação de estratégias institucionais de prevenção, acolhimento e proteção para quem cuida.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico e profissional dos participantes da pesquisa, Trindade – GO, Brasil, 2026.

Características	Quantidade (n)	Frequência relativa (%)
Profissão		
Enfermeiro (a)	14	29,8%
Técnico de enfermagem	33	70,2%
Sexo		
Feminino	41	87,2%
Masculino	6	12,8%
Faixa etária		
18 a 24 anos	5	10,6%
Entre 25 a 40 anos	18	38,3%
Entre 41 anos ou mais	24	51,1%
Tempo de experiência		
Menor que 1 ano	9	19,1%
1 a 5 anos	17	36,2%
6 a 10 anos	8	17,0%
Mais de 10 anos	13	27,7%
Área de atuação		
Observação/Enfermaria	13	27,7%
Classificação de risco	11	23,4%
Sala vermelha	5	10,6%
Outros setores	18	38,3%

Fonte: Criado pelos autores (2026).

Do total de 47 profissionais entrevistados, 29,8% correspondiam à categoria de enfermeiros e 70,2% à categoria de técnicos de enfermagem, evidenciando maior participação destes profissionais na pesquisa. Ressalta-se que a UPA Dilson Alberto de Sousa possui 58 profissionais de enfermagem em seu quadro funcional, sendo 16 enfermeiros e 42 técnicos de enfermagem, demonstrando adesão significativa dos trabalhadores ao estudo. Em relação ao sexo, observou-se predominância do sexo feminino (87,2%), dado que reforça o perfil historicamente feminino da enfermagem brasileira. Esses achados corroboram os estudos de Veloso *et al.* (2022) e Lima e Sousa (2015), nos quais a maioria dos participantes também era composta por mulheres atuantes na equipe de enfermagem.

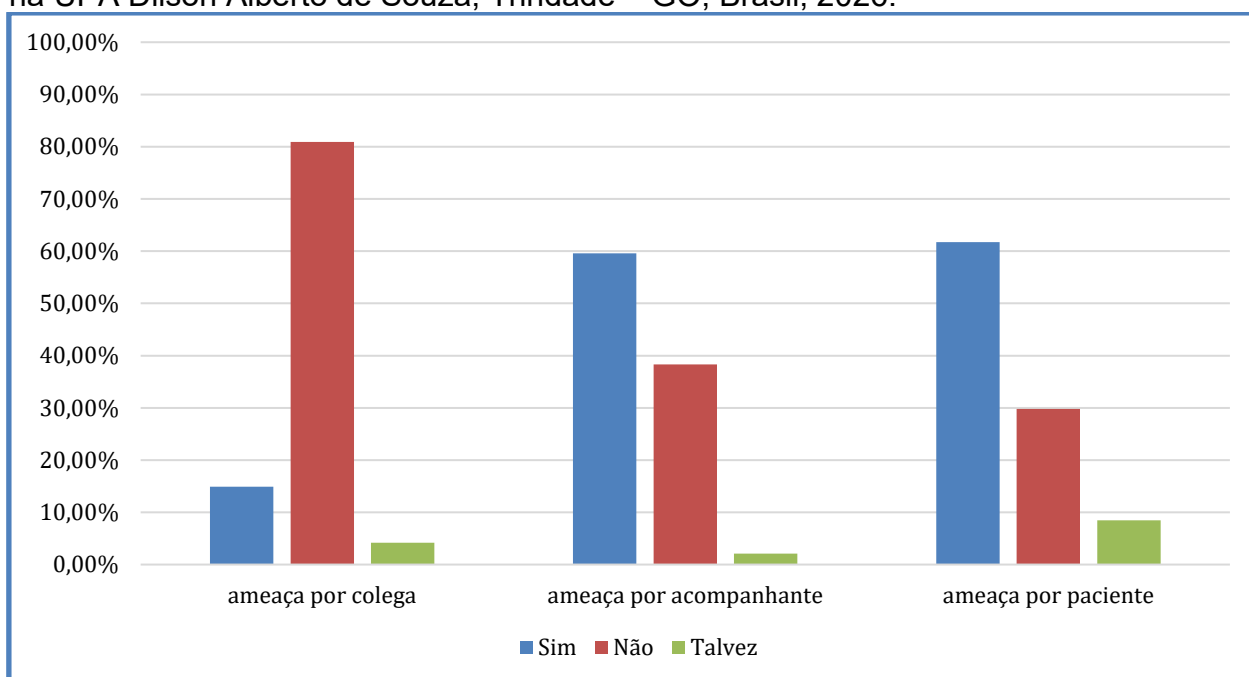
Quanto à faixa etária, verificou-se maior prevalência de profissionais com 41 anos ou mais (51,1%), seguidos daqueles com idade entre 25 e 40 anos (38,3%). Os participantes com idade entre 18 e 24 anos representaram menor percentual (10,6%). Diferentemente dos achados de Rohwedder *et al.* (2025) e Tsukamoto *et al.* (2019), que apontam maior vulnerabilidade à violência entre profissionais jovens e com menor experiência, o presente estudo identificou predominância de trabalhadores com faixa etária mais elevada, o que pode estar relacionado ao maior tempo de permanência dos profissionais na unidade.

No que se refere ao tempo de experiência profissional, observou-se predominância de profissionais com 1 a 5 anos de atuação (36,2%), seguidos daqueles com mais de 10 anos de experiência (27,7%), menos de 1 ano (19,1%) e entre 6 e 10 anos (17%). Esses resultados demonstram coexistência entre profissionais em processo de consolidação da prática assistencial e trabalhadores mais experientes, podendo haver diferentes percepções e formas de enfrentamento frente às situações de violência ocupacional. Amaral *et al.* (2025) destacam que fatores como tempo de atuação, carga horária excessiva e exposição contínua a situações de tensão podem influenciar significativamente a vulnerabilidade dos profissionais à violência no ambiente de trabalho.

Em relação à área de atuação hospitalar, observou-se predominância de profissionais atuando nos setores de observação/enfermaria (27,7%), seguidos pela classificação de risco (23,4%) e pela sala vermelha (10,6%), além de outros setores com menor representatividade. A elevada participação de profissionais vinculados à classificação de risco merece destaque, considerando tratar-se de um setor

frequentemente associado a situações de conflito, sobretudo devido à insatisfação dos usuários em relação ao tempo de espera e à incompreensão dos critérios de prioridade assistencial. Freitas *et al.* (2017) apontam que os profissionais inseridos no acolhimento com classificação de risco encontram-se entre os mais vulneráveis à violência ocupacional, uma vez que realizam o primeiro contato com pacientes e acompanhantes em momentos de elevada fragilidade emocional.

Figura 1 – Ameaças sofridas pelos profissionais de enfermagem no ambiente de trabalho na UPA Dilson Alberto de Souza, Trindade – GO, Brasil, 2026.



Fonte: Criado pelos autores (2026).

Os resultados apresentados na Figura 1 evidenciam diferenças importantes quanto à origem das ameaças sofridas pelos profissionais de enfermagem no ambiente de trabalho. Observou-se baixa prevalência de ameaças provenientes de colegas de trabalho, sendo relatadas por aproximadamente 15% dos participantes, enquanto a maioria (81%) afirmou não ter vivenciado esse tipo de situação no ambiente profissional. Esse resultado sugere relações interpessoais relativamente preservadas entre os membros da equipe, embora a existência de episódios isolados de conflitos internos não possa ser desconsiderada, especialmente em ambientes caracterizados por elevada pressão assistencial e sobrecarga de trabalho.

Em contrapartida, as ameaças provenientes de acompanhantes e pacientes apresentaram percentuais significativamente mais elevados. Aproximadamente 59% dos

profissionais relataram já ter sofrido ameaças por acompanhantes durante o exercício profissional, enquanto cerca de 61% afirmaram ter sido ameaçados por pacientes atendidos na unidade. Esses achados demonstram que os principais agentes de intimidação e violência no contexto da urgência e emergência são os próprios usuários dos serviços e seus familiares, evidenciando um cenário de vulnerabilidade ocupacional para os trabalhadores da enfermagem.

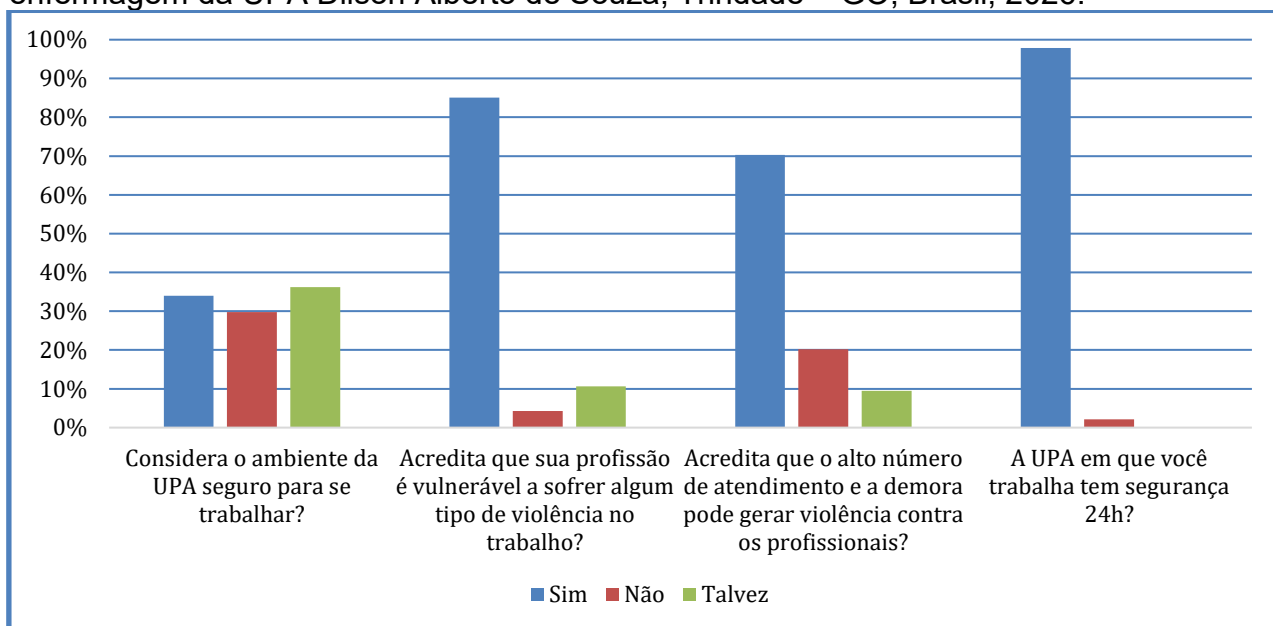
Tais resultados corroboram os achados de Freitas *et al.* (2017), que identificaram elevada ocorrência de ameaças e comportamentos agressivos direcionados aos profissionais atuantes no acolhimento com classificação de risco, especialmente decorrentes da insatisfação dos usuários frente ao tempo de espera e à não compreensão dos critérios de prioridade no atendimento. Os autores destacam que o enfermeiro, por ocupar posição estratégica no primeiro contato com o paciente, frequentemente torna-se alvo de manifestações de agressividade verbal e intimidação.

De maneira semelhante, Santos Junior e Gama (2024) evidenciam que profissionais de enfermagem atuantes em unidades de urgência e emergência estão frequentemente expostos a situações de ameaça, violência verbal e agressões físicas, sendo acompanhantes e pacientes os principais responsáveis pelos episódios de violência. Esse cenário pode estar associado ao estresse emocional dos usuários, à superlotação dos serviços e às limitações estruturais enfrentadas pelas unidades de pronto atendimento.

Embora em menor proporção, os relatos de ameaças entre colegas de trabalho também merecem atenção, pois podem indicar situações de violência horizontal, assédio moral ou relações profissionais fragilizadas. Segundo Hagopian e Freitas (2021), práticas de intimidação, desqualificação profissional e conflitos interpessoais podem comprometer o bem-estar do trabalhador e afetar negativamente a dinâmica da equipe de enfermagem.

Dessa forma, os resultados evidenciam que as ameaças no ambiente de trabalho da enfermagem são predominantemente externas, originadas de pacientes e acompanhantes, reforçando a necessidade de estratégias institucionais voltadas à prevenção da violência ocupacional, fortalecimento da segurança nas unidades e qualificação da comunicação entre profissionais e usuários do sistema de saúde.

Figura 2: Segurança, vulnerabilidade e sobrecarga percebidos pelos profissionais de enfermagem da UPA Dilson Alberto de Souza, Trindade – GO, Brasil, 2026.



Fonte: Criado pelos autores (2026).

Os resultados apresentados evidenciam aspectos relevantes acerca da percepção dos profissionais de enfermagem sobre vulnerabilidade ocupacional, segurança institucional e fatores relacionados à violência no ambiente de trabalho da Unidade de Pronto Atendimento. Em relação à percepção de segurança no ambiente laboral, observou-se distribuição relativamente equilibrada entre os participantes, com discreta predominância das respostas “talvez”, seguida das respostas positivas e negativas. Esse achado sugere uma percepção ambígua acerca da segurança ocupacional, indicando que, embora parte dos profissionais reconheça a existência de mecanismos de proteção no ambiente da UPA, outra parcela significativa demonstra insegurança ou incerteza quanto à sua efetividade.

A percepção de insegurança no ambiente de trabalho pode estar relacionada às características próprias dos serviços de urgência e emergência, marcados por elevada demanda assistencial, instabilidade clínica dos pacientes, tensão emocional e frequentes episódios de conflito entre usuários e equipe de saúde. Nesse sentido, *Freitas et al. (2017)* destacam que os profissionais da enfermagem, especialmente aqueles atuantes no acolhimento com classificação de risco, encontram-se mais vulneráveis à violência devido ao contato direto com pacientes e acompanhantes em momentos de fragilidade, dor e insatisfação com o serviço.

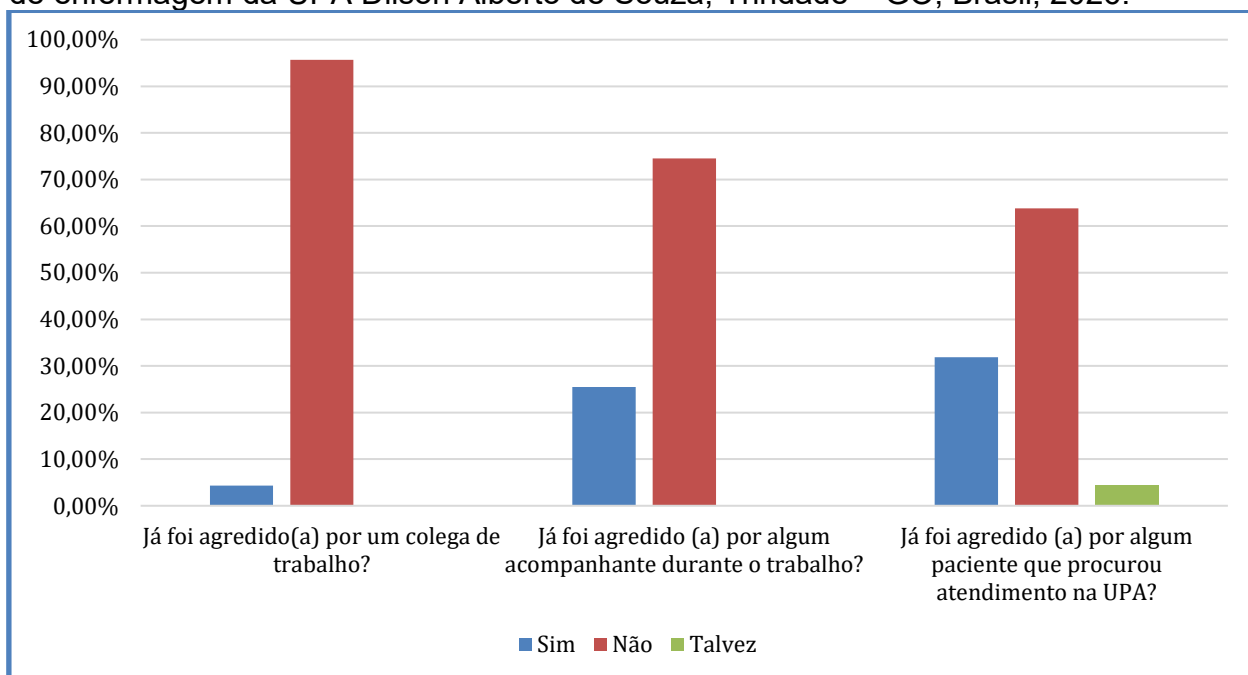
Quando questionados sobre a vulnerabilidade da profissão à violência, a maioria expressiva dos participantes (aproximadamente 85%) reconheceu a enfermagem como uma profissão suscetível a agressões no ambiente de trabalho. Esse resultado reforça a compreensão de que a violência ocupacional se tornou uma realidade frequentemente incorporada ao cotidiano profissional da enfermagem, sobretudo em unidades de urgência e emergência. De acordo com Santos Junior e Gama (2024), a equipe de enfermagem está entre as categorias profissionais mais expostas à violência ocupacional, sendo as agressões verbais e físicas as manifestações mais frequentemente relatadas.

Em relação aos fatores desencadeantes da violência, cerca de 70% dos participantes acreditam que o alto número de atendimentos e a demora na assistência contribuem para a ocorrência de agressões contra os profissionais. Esse dado demonstra que aspectos organizacionais do serviço podem influenciar diretamente no surgimento de conflitos, especialmente em contextos de superlotação e limitação de recursos. Corroborando esse achado, *Veloso et al. (2022)* apontam que o excesso de demanda, associado ao desconhecimento dos usuários sobre o funcionamento da classificação de risco, constitui importante fator desencadeante da violência nas unidades de pronto atendimento.

Apesar desse cenário de vulnerabilidade, quase a totalidade dos profissionais afirmou que a UPA dispõe de segurança 24 horas, evidenciando a existência de medidas institucionais de proteção. Contudo, a presença do serviço de segurança, isoladamente, não parece ser suficiente para eliminar a sensação de insegurança ou reduzir totalmente os episódios de violência relatados pelos profissionais. Martins e Pereira (2021) ressaltam que o enfrentamento da violência ocupacional exige estratégias mais amplas, incluindo suporte institucional, fortalecimento dos canais de denúncia, educação dos usuários e melhoria das condições organizacionais do trabalho.

Dessa forma, os resultados evidenciam que, embora haja reconhecimento institucional da necessidade de segurança física na unidade, persistem fatores estruturais e organizacionais que favorecem a vulnerabilidade dos profissionais de enfermagem à violência ocupacional. Tal cenário reforça a importância da implementação de ações preventivas, capacitação profissional e reorganização dos fluxos assistenciais, visando promover um ambiente de trabalho mais seguro e acolhedor.

Figura 3: Agressões físicas de acordo com o tipo de agressor sofrida por profissionais de enfermagem da UPA Dilson Alberto de Souza, Trindade – GO, Brasil, 2026.



Fonte: Criado pelos autores (2026).

Em relação à ocorrência de agressões físicas no ambiente de trabalho, os resultados evidenciaram baixa prevalência de violência praticada por colegas de trabalho, sendo relatada por aproximadamente 4% dos participantes, enquanto a maioria (96%) afirmou nunca ter vivenciado esse tipo de situação entre membros da equipe. Esse achado sugere relações interpessoais relativamente preservadas no ambiente profissional, embora não descarte a existência de conflitos internos ou episódios isolados de violência horizontal no contexto da enfermagem.

Em contrapartida, as agressões físicas praticadas por acompanhantes e pacientes apresentaram maior frequência, sendo relatadas por aproximadamente 26% e 32% dos profissionais, respectivamente. Esses resultados demonstram que os principais agentes da violência ocupacional contra a equipe de enfermagem são usuários do serviço e seus familiares, especialmente em ambientes caracterizados por alta demanda assistencial, tensão emocional e longos períodos de espera, como as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs).

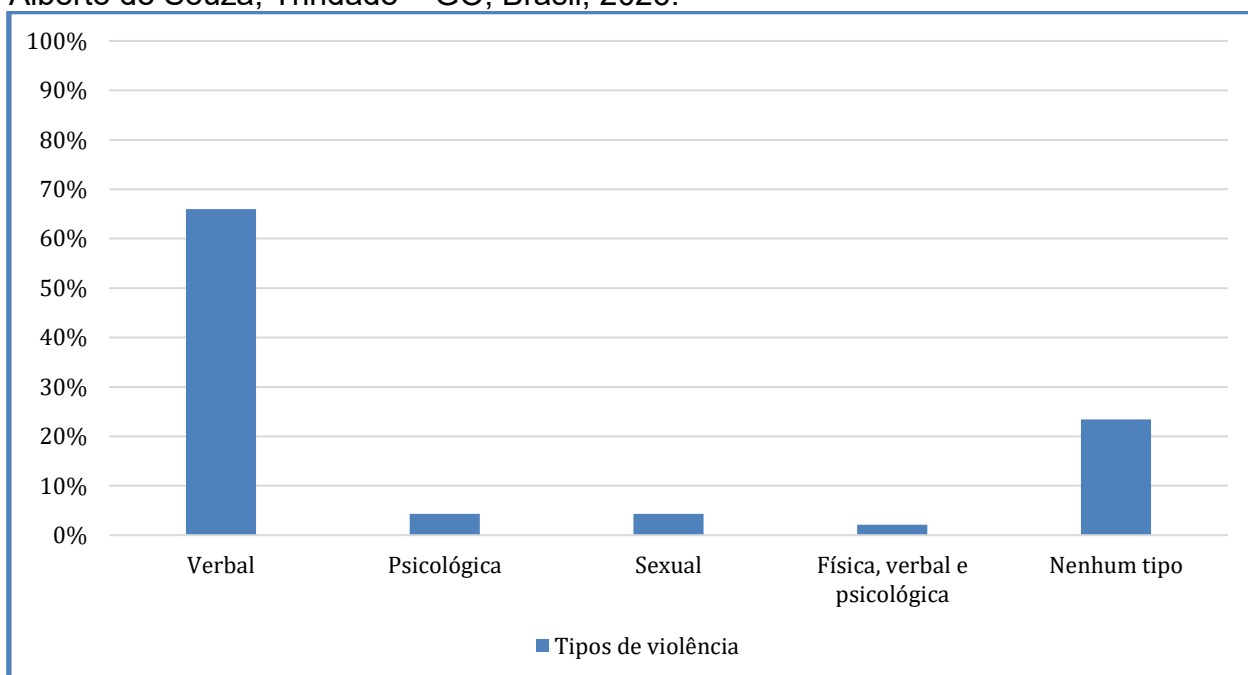
Os achados encontrados corroboram os resultados de Freitas et al. (2017), que identificaram os usuários e acompanhantes como os principais responsáveis pelos episódios de violência direcionados aos profissionais de enfermagem no setor de acolhimento com classificação de risco. Segundo os autores, fatores como falta de

informação sobre o funcionamento da triagem, insatisfação com o tempo de espera e fragilidades da atenção primária contribuem significativamente para o aumento dos conflitos entre profissionais e população usuária.

De forma semelhante, Santos Junior e Gama (2024) destacam que, embora a violência verbal seja mais prevalente, a agressão física também constitui uma realidade nos serviços de urgência e emergência, representando importante ameaça à integridade física e emocional dos trabalhadores da enfermagem. Tsukamoto et al. (2019) acrescentam que ambientes de elevada pressão assistencial e relações interpessoais fragilizadas favorecem a ocorrência de violência física, especialmente em setores críticos da assistência.

Ainda que os percentuais de agressão física tenham sido inferiores quando comparados à violência verbal, os dados encontrados merecem atenção, considerando os impactos potenciais sobre a saúde física, psicológica e ocupacional dos profissionais. Situações de violência física podem gerar medo, insegurança, afastamentos do trabalho e comprometimento da qualidade da assistência prestada, além de contribuir para um ambiente laboral mais vulnerável e estressante.

Figura 4: Tipos de violência sofrida por profissionais de enfermagem da UPA Dilson Alberto de Souza, Trindade – GO, Brasil, 2026.



Fonte: Criado pelos autores (2026).

Em relação aos tipos de violência sofridos pelos profissionais de enfermagem no ambiente de trabalho, observou-se predominância expressiva da violência verbal, correspondendo a 66% das respostas obtidas. Esse achado evidencia que insultos, ameaças, ofensas, xingamentos e atitudes agressivas na comunicação constituem as formas mais recorrentes de violência no contexto das unidades de urgência e emergência. A elevada prevalência desse tipo de agressão pode estar relacionada ao elevado fluxo de pacientes, à superlotação dos serviços, ao tempo de espera e à incompreensão dos usuários acerca da classificação de risco e do funcionamento da assistência prestada. Em seguida, 23,4% informaram não ter sofrido nenhum tipo de violência. As violências psicológicas e sexual corresponderam a 4,3% cada, enquanto 2,1% relataram ter sofrido violência física, verbal e psicológica simultaneamente.

Esses resultados corroboram com os achados de Santos Júnior e Gama (2024), que identificaram a agressão verbal como a forma de violência mais frequentemente relatada pelos profissionais de enfermagem em serviços de urgência e emergência, seguida pela violência física. Da mesma forma, Rohwedder *et al.* (2025) e Amaral *et al.* (2025) apontam a violência psicológica e verbal como as manifestações predominantes no cotidiano dos trabalhadores da enfermagem, especialmente em setores caracterizados por elevada demanda assistencial.

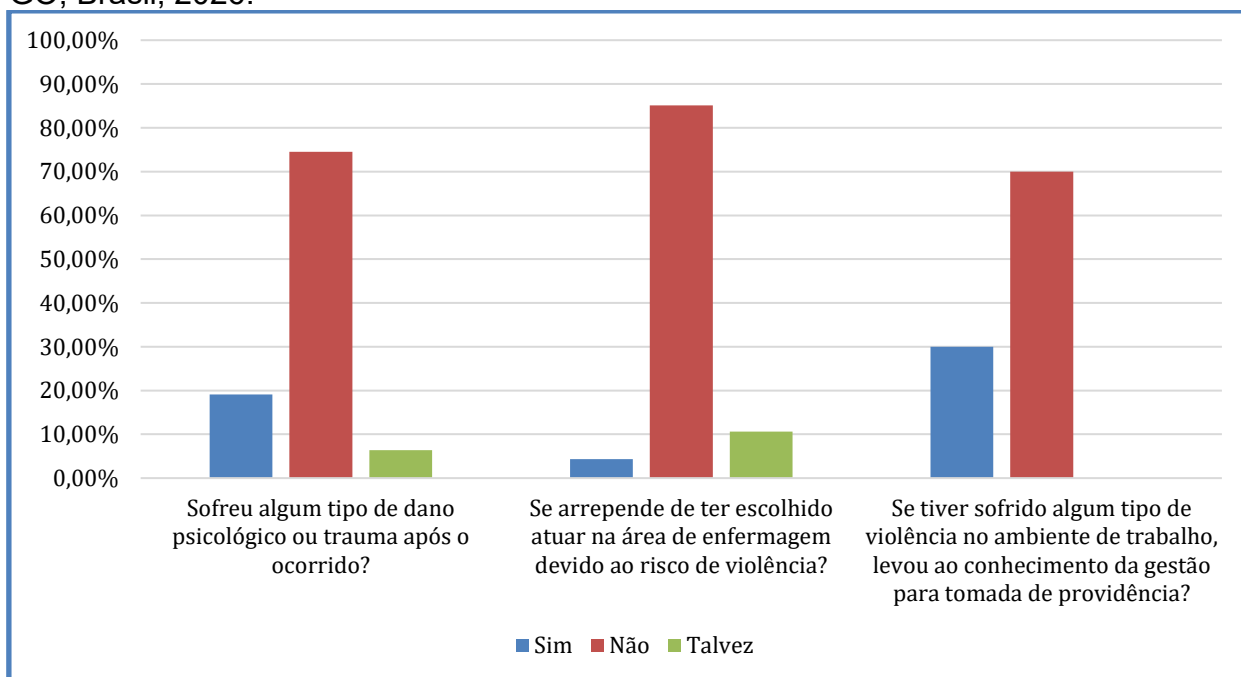
Embora em menor frequência, foram identificados episódios de violência psicológica, caracterizada por intimidações, ameaças, humilhações, constrangimentos e comportamentos que afetam emocionalmente o profissional. Esse tipo de agressão, ainda que muitas vezes invisibilizado, pode gerar importantes repercussões na saúde mental, contribuindo para quadros de ansiedade, insegurança, medo e sofrimento emocional. Nesse sentido, Hagopian e Freitas (2021) destacam que práticas de desqualificação profissional e assédio moral constituem importantes dimensões da violência vivenciada pela equipe de enfermagem.

Os casos de violência física, apesar de menos frequentes, representam um importante fator de preocupação, uma vez que envolvem agressões corporais, empurrões, tapas, tentativas de lesão e outras formas de contato físico agressivo, comprometendo diretamente a integridade física do trabalhador. Segundo Tsukamoto *et al.* (2019), esse tipo de violência apresenta associação significativa com ambientes de trabalho estressantes e relações interpessoais fragilizadas.

Além disso, ainda que em proporção reduzida, houve relatos sugestivos de violência sexual, incluindo comportamentos inadequados e invasivos praticados por pacientes, acompanhantes ou terceiros. Esse tipo de ocorrência merece atenção especial, pois frequentemente é subnotificado e pode provocar importantes repercussões emocionais, psicológicas e ocupacionais nos profissionais expostos. Estudos apontam que situações de assédio sexual, embora menos prevalentes, permanecem presentes no cotidiano da enfermagem e estão relacionadas a relações de poder, vulnerabilidade ocupacional e ausência de mecanismos efetivos de denúncia (Martins; Pereira, 2021).

Observou-se também a existência de casos em que diferentes formas de violência ocorreram simultaneamente, como agressões físicas, verbais e psicológicas associadas, demonstrando a complexidade do fenômeno da violência ocupacional no ambiente de urgência e emergência. Por outro lado, parcela dos participantes (21,3%) relatou não ter sofrido nenhum tipo de violência, resultado que pode estar relacionado às particularidades do setor de atuação, tempo de experiência profissional ou percepção individual frente às situações de conflito.

Figura 5: Danos psicológicos, arrependimento da escolha da profissão e atitude do profissional diante de agressões sofridas na UPA Dilson Alberto de Souza, Trindade – GO, Brasil, 2026.



Fonte: Criado pelos autores (2026).

No que se refere às repercussões psicológicas decorrentes das situações de violência no ambiente de trabalho, observou-se que a maioria dos participantes (74%) relatou não ter desenvolvido danos psicológicos ou traumas após os episódios vivenciados, enquanto 19% afirmaram ter sofrido consequências emocionais e 7% demonstraram incerteza quanto aos impactos sofridos. Apesar da predominância de respostas negativas, o percentual de profissionais que referiram danos psicológicos não deve ser negligenciado, considerando que a exposição contínua à violência ocupacional pode desencadear manifestações como medo, ansiedade, estresse emocional, insegurança e sofrimento psíquico. Esses achados dialogam com os resultados encontrados por Granadeiro *et al.* (2024), que identificaram associação significativa entre a violência sofrida pelos enfermeiros e sintomas relacionados a transtornos mentais comuns, especialmente nervosismo, tensão e preocupação constante. De forma semelhante, Bordignon e Monteiro (2016) ressaltam que a violência ocupacional está associada a prejuízos emocionais e psicológicos importantes, podendo interferir diretamente no desempenho profissional, nas relações interpessoais e na qualidade da assistência prestada.

Em relação ao arrependimento pela escolha profissional em decorrência do risco de violência, a maioria dos participantes (85%) afirmou não se arrepender de atuar na enfermagem, enquanto apenas 5% relataram arrependimento e 10% responderam “talvez”. Esses resultados sugerem um forte compromisso dos profissionais com a profissão, mesmo diante das adversidades enfrentadas no cotidiano das unidades de urgência e emergência. Entretanto, o percentual de profissionais que demonstraram dúvida ou arrependimento merece atenção, uma vez que pode refletir desgaste emocional, insatisfação ocupacional e sentimento de vulnerabilidade frente à violência no trabalho.

Nesse sentido, Martins e Pereira (2021) destacam que a violência ocupacional é percebida pelos profissionais de enfermagem como um fator preocupante, capaz de comprometer aspectos físicos, emocionais e motivacionais do trabalhador. Além disso, Rohwedder *et al.* (2025) apontam que a exposição frequente a agressões no ambiente hospitalar pode favorecer sentimentos de exaustão e desmotivação, influenciando negativamente a permanência e satisfação dos profissionais no exercício da enfermagem. Assim, os resultados evidenciam que, embora a maioria dos profissionais demonstre resiliência e permanência no exercício da profissão, os impactos

psicológicos decorrentes da violência ocupacional representam um importante desafio para a saúde do trabalhador, reforçando a necessidade de estratégias institucionais voltadas ao acolhimento psicológico, prevenção de agressões e fortalecimento da segurança ocupacional no ambiente da UPA.

Em relação às atitudes adotadas pelos profissionais frente às situações de ameaça ou agressão no ambiente de trabalho, observou-se que a maioria dos participantes (66%) relatou não ter tomado nenhuma providência após o ocorrido, enquanto apenas 34% afirmaram ter adotado alguma medida diante da situação vivenciada. Esses achados sugerem a existência de uma possível naturalização da violência no ambiente ocupacional da enfermagem, especialmente em serviços de urgência e emergência, nos quais situações de tensão e agressividade tendem a ser frequentes. Além disso, o receio de represálias, a descrença em medidas resolutivas ou a ausência de protocolos institucionais claros podem contribuir para a baixa mobilização dos profissionais diante dos episódios de violência.

No que se refere à comunicação formal dos casos à gestão da Unidade de Pronto Atendimento, os resultados demonstraram que 70,2% dos profissionais não informaram os episódios de agressão à administração da unidade, enquanto apenas 29,8% relataram ter levado o caso ao conhecimento da gestão. Esse dado evidencia uma importante fragilidade institucional no enfrentamento da violência ocupacional, uma vez que a subnotificação dificulta a implementação de medidas preventivas e corretivas no ambiente de trabalho.

Esses resultados corroboram os achados de Martins e Pereira (2021), que destacam a insuficiência de apoio institucional e a ausência de incentivo para a formalização de denúncias pelos profissionais de enfermagem. Da mesma forma, Rohwedder *et al.* (2025) apontam que a violência no trabalho frequentemente permanece invisibilizada devido à baixa notificação dos casos, favorecendo a perpetuação do problema. Nesse contexto, observa-se que a atuação da gestão possui papel fundamental no acolhimento dos profissionais, no fortalecimento de canais seguros de denúncia e na implementação de estratégias de prevenção da violência no ambiente laboral, especialmente em setores de alta complexidade e vulnerabilidade, como as unidades de pronto atendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidenciado na presente pesquisa que a violência ocupacional vivenciada pelos profissionais de enfermagem da UPA Dilson Alberto de Sousa constitui uma realidade frequente e preocupante no cotidiano assistencial. Os resultados demonstraram que a violência verbal apresentou maior predominância entre os participantes, seguida pela violência psicológica e, em menor proporção, pela violência física, confirmando os achados encontrados na literatura brasileira sobre a temática.

A pesquisa revelou ainda que a maior parte dos participantes era composta por profissionais do sexo feminino, predominando técnicos de enfermagem, o que reforça os achados de estudos nacionais que apontam a enfermagem como uma categoria vulnerável às diferentes formas de violência ocupacional. Observou-se também que muitos profissionais já presenciaram ou sofreram situações de agressão dentro do ambiente de trabalho, demonstrando que a violência está inserida no cotidiano dos serviços de urgência e emergência.

Os resultados obtidos evidenciaram que pacientes e acompanhantes aparecem entre os principais responsáveis pelos episódios de violência, especialmente em situações relacionadas à demora no atendimento, superlotação, insatisfação com a classificação de risco e elevada demanda assistencial. Esses fatores favorecem um ambiente de tensão constante, contribuindo para conflitos frequentes entre usuários e profissionais da saúde.

Os achados desta pesquisa identificam a agressão verbal como a forma de violência mais recorrente no serviço de saúde, assim como mostrou o resultado de outros estudos, principalmente, em unidades de urgência e emergência. Dessa forma, destaca que o acolhimento com classificação de risco representa um dos momentos de maior vulnerabilidade para os profissionais da enfermagem, devido à incompreensão dos usuários quanto à priorização clínica dos atendimentos.

Outro aspecto relevante identificado foi o impacto emocional causado pelas agressões sofridas no ambiente laboral. Muitos profissionais relataram sentimentos como medo, ansiedade, impotência, estresse, desmotivação e desgaste psicológico, demonstrando que a violência ultrapassa os danos físicos e interfere diretamente na saúde mental do trabalhador podendo desencadear transtornos emocionais e

comprometer o desempenho profissional no ambiente de trabalho e a qualidade da assistência enfermagem prestada.

Além disso, observou-se que parte significativa dos profissionais não realiza a notificação das agressões sofridas, o que contribui para a invisibilidade do problema dentro das instituições de saúde. Tal realidade demonstra a fragilidade dos mecanismos institucionais de apoio ao trabalhador, bem como a naturalização da violência no ambiente da enfermagem e favorece a continuidade da subnotificação dos casos.

Os resultados também evidenciaram que, apesar da existência de serviço de segurança na unidade, a violência ainda permanece presente no cotidiano dos profissionais, demonstrando que somente a presença de segurança patrimonial não é suficiente para resolver a problemática. Faz-se necessária a adoção de medidas institucionais mais efetivas, incluindo capacitação das equipes, fortalecimento da comunicação entre profissionais e usuários, melhoria das condições estruturais e organizacionais da unidade, apoio psicológico aos trabalhadores e implementação de protocolos específicos para prevenção e enfrentamento da violência ocupacional.

Dessa forma, conclui-se que a violência contra os profissionais de enfermagem representa um importante problema de saúde ocupacional, impactando diretamente a qualidade de vida dos trabalhadores e a assistência prestada à população. Espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões e fortalecer intervenções acerca da violência ocupacional na enfermagem, promovendo maior visibilidade à temática e incentivando o desenvolvimento de políticas institucionais voltadas à proteção, prevenção, valorização e segurança dos profissionais de enfermagem, especialmente em unidades de urgência e emergência como a UPA Dilson Alberto de Sousa. Promovendo maior visibilidade à temática e incentivando o desenvolvimento de políticas institucionais voltadas à proteção, valorização e segurança dos profissionais da enfermagem, especialmente em unidades de urgência e emergência como a UPA Dilson Alberto de Sousa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, E. S. et al. Violence at work experienced by nursing professionals working in hospital units: an exploratory and correlational study. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 33, e4527, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.7451.4527>. Acesso em: mar. 2026.

BORDIGNON, M.; MONTEIRO, M. I. Violence in the workplace in Nursing: consequences overview. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 5, p. 939-42, 2016. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2015-0133>. Acesso em: mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 10, de 3 de janeiro de 2013**. Redefine as diretrizes para implantação das Unidades de Pronto Atendimento (UPAs 24h). Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: saude.gov.br. Acesso em: set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 342, de 4 de março de 2013**. Redefine as diretrizes para implantação do componente Unidade de Pronto Atendimento (UPA 24h). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 mar. 2013. Disponível em: saude.gov.br. Acesso em: out. 2025.

COFEN, Conselho Federal de Enfermagem. **Violência contra a Enfermagem: uma emergência que exige resposta imediata**. 2025. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/violencia-contr-a-enfermagem-uma-emergencia-que-exige-resposta-imediata/>. Acessado em: 30/06/2026.96

COREN. Violência laboral entre trabalhadores de enfermagem. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, 2021. Disponível em: revistamedicadotrabalho.com.br. Acesso em: out. 2025.

FREITAS, R. J. M. et al. A violência contra os profissionais da enfermagem no setor de acolhimento com classificação de risco. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, e62119, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.03.62119>. Acesso em: mar. 2026.

GERMANO, I. N.; GRAVI, C. C. Relatos de violência ocupacional de equipe de enfermagem em uma unidade de emergência no sul do Brasil. **Revista Acervo Saúde**, v. 13, n. 8, e8536, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e8536.2021>. Acesso em: out. 2025.

GRANADEIRO, D. S. et al. Violence suffered by nurses in risk classification and suspicion of common mental disorders. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 78, n. 2, e20240087, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2024-0087pt>Acesso em: mar. 2026.

HAGOPIAN, E. M.; FREITAS, G. F. Dimensões da violência na Enfermagem: aplicação do questionário de atos negativos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8,

e39310817356, 2021. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17356> Acesso em: mar. 2026.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência**. 2023. Brasília: IPEA; FBSP, 2023. Disponível em: ipea.gov.br. Acesso em: out. 2025.

LIMA, G. H. A.; SOUSA, S. M. A. Psychological violence in the Nursing work. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 68, n. 5, p. 535-41, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680508i>. Acesso em: mar. 2026.

MARTINS, Brenner Saboia; PEREIRA, Mayara Cândida. Violência ocupacional na enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, e17246, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.17246>. Acesso em: mar. 2026.

OLIVEIRA, C. S. et al. Occupational violence: experiences and coping strategies among nurses in Emergency Care Units. **Revista Chilena de Enfermería**, vol. XX, 2022. Disponível em: revistachilenadenfermeria.cl. Acesso em: out. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World Report on Violence and Health**. Genebra: OMS, 2002. Disponível em: who.int. Acesso em: set. 2025.

PEDRO, D. R. C. et al. Violência Ocupacional na equipe de enfermagem: análise à luz do conhecimento produzido. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 113, p. 618-629, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711321>. Acesso em: mar. 2026.

ROHWEDDER, L. S. et al. Violência no trabalho de enfermagem hospitalar: revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 27, e75562, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v27.75562>. Acesso em: mar. 2026.

SANTOS JUNIOR, J. M. J.; GAMA, M. G. O. F. da. A violência que o profissional da saúde de enfermagem sofre nas unidades de urgência e emergência. **Revista Foco**, Curitiba, v. 17, n. 5, e5252, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n5-170>. Acesso em: mar. 2026.

SILVA, B. D. M. et al. Violência laboral no pronto socorro em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, e42611427583, 2022. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27583>. Acesso em: mar. 2026.

SILVA, B. D. M.; MARTINS, J. T.; MOREIRA, A. A. Q. Violência laboral contra a equipe de enfermagem: revisão integrativa. **Revista Saúde Pública do Paraná**, v. 2, n. 1, p. 115-126, 2019. Disponível em: escoladesaude.pr.gov.br. Acesso em: mar. 2026.

TSUKAMOTO, A. S. et al. Violência ocupacional na equipe de enfermagem: prevalência e fatores associados. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 4, p. 425-432, 2019. Disponível em: https://acta-ape.org/wp-content/uploads/articles_xml/1982-0194-ape-32-04-0425/1982-0194-ape-32-04-0425.pdf. Acesso em: mar. 2026.

VELOSO, E. S. et al. Violência sofrida pelos profissionais de enfermagem em uma unidade de pronto atendimento. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, e239111032426, 2022. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32426> Acesso em: mar. 2026.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

1 – sexo () Masculino ()Feminino ()Outro

2 – Idade ____Anos.

3 – Faixa Etária:

()Entre 18 até 24 ()Entre 25 a 40 anos ()Entre 41 ou mais

4 – Tempo de Experiência Profissional:_____.

5 – Sua profissão:

() Enfermeiro (a) () Técnico de Enfermagem () Aux. De Enfermagem

6- Área de atuação hospitalar?

() Classificação de Risco () Observação/Enfermaria () Sala vermelha ()

Outros: _____.

7 – Você se sente seguro (a) dentro de seu ambiente de trabalho?

()sim ()Não ()Talvez

8 – Você acha que, sua profissão é vulnerável há algum tipo de violência?

()Sim ()Não ()Talvez

Se sim, quais:_____

9 – Você já se sentiu ameaçado (a) por algum colega de trabalho?

() Sim () Não () Talvez

10 – Você já foi agredido (a) por um colega de trabalho?

() Sim () Não () Talvez

11 – Você já se sentiu ameaçado (a) por algum acompanhante de paciente?

() Sim () Não () Talvez

12 – Você já foi agredido (a) por algum acompanhante durante o trabalho?

() Sim () Não () Talvez

13 – Você já se sentiu ameaçado (a) por algum paciente?

() Sim () Não () Talvez

14 – Você já foi agredido (a) por algum paciente que buscou atendimento na UPA?

() Sim () Não () Talvez

15 – Qual foi o tipo de violência que você sofreu?

() Física () Verbal () Sexual () Psicológica () Outras: _____

16 – Se você se sentiu ameaçado ou foi agredido no ambiente de trabalho você tomou alguma providência sobre ocorrido?

() Não () Sim. Se sim quais? _____

17. Se você foi agredido no ambiente de trabalho seja por paciente, acompanhante ou colega de trabalho você levou ao conhecimento da gestão da UPA para providências.

() Não () Sim. Se sim quais providências a gestão tomou?

18- Acredita ter sofrido algum dano/sequela psicológico ou físico decorrente de agressão?

() Não () Sim. Se sim, fez algum tratamento _____

19 –Você acha que o alto número de atendimento ocorridos na UPA é um dos princípios para a agressão no trabalho?

() Sim () Não () Talvez

20 – A demora no atendimento faz com que seja um dos possíveis princípios para a agressão?

() Sim () Não () Talvez

21 – A falta de informação pode ser um dos princípios para uma agressão?

() Sim () Não () Talvez

22 – Você se arrepende de ter escolhido atuar na área da enfermagem devido ao risco de violência?

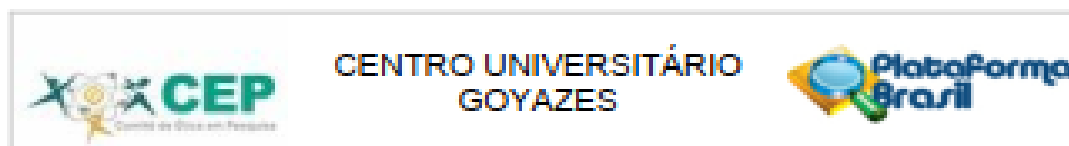
() Sim () Não () Talvez

Se sim, Porquê?

23 – A UPA em que você trabalha tem serviço de segurança 24h?

() Sim () Não () As vezes

ANEXO I – PARECER CEP



Continuação do Parecer: 4.307.683

Outros	CARTARESPOSTAAOPARECER2.docx	10:47:51	dos Santos	Acelto
TCLE/ Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	28/03/2026 10:47:17	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoBrochura.docx	31/03/2026 00:14:18	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Outros	LattesOsmar.pdf	15/03/2026 22:10:37	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Outros	LattesLaura.pdf	15/03/2026 22:09:29	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Outros	LattesGeovanna.pdf	15/03/2026 22:08:58	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Outros	LattesAdrielly.pdf	15/03/2026 22:04:52	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoBrochura.pdf	28/03/2026 14:17:57	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	28/03/2026 13:18:06	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Cronograma	CRONOGRAMADEPESQUISA.pdf	28/03/2026 13:16:01	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	28/03/2026 13:12:36	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Declaração de concordância	DECLARACAOINSTITUICAOOCOPARTICIPANTE.pdf	28/03/2026 13:05:05	Osmar Pereira dos Santos	Acelto
Declaração de Pesquisadores	TermodeCompromissoTOC.pdf	28/03/2026 13:02:58	Osmar Pereira dos Santos	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TRINDADE, 30 de Abril de 2026

Assinado por:
SUSY RICARDO LEMES PONTES
(Coordenador(a))

Endereço: Prédio da Diretoria da Unidade Trindade, Sala do Comitê de Ética do Centro Universitário
Bairro: Setor Laguna Parque CEP: 75.363-365
UF: GO Município: TRINDADE
Telefone: (62)3506-6333 E-mail: cep@unigozazes.edu.br